
Pai de Família, Jovem Promissor e Homem Comum: As Representações Sociais das Vítimas de Latrocínio em Zero Hora¹

Fernanda LA CRUZ²
Francisco AMORIM³

Centro Universitário Ritter dos Reis (UNIRITTER)

Resumo

Este estudo analisa casos de latrocínio noticiados nos seis primeiros meses de 2017 em Zero Hora, a partir da metodologia de análise de conteúdo. Fundamentado na Teoria das Representações Sociais, o artigo investiga os recursos de apuração mobilizados nas coberturas, identificando o tratamento dispensado às vítimas e as representações produzidas em função de seu perfil socioeconômico. Constatou-se, como resultado, três perfis de narrativa: “homem comum”, “pai de família” e “jovem promissor”.

Palavras-chave: Violência; Representações Sociais; Latrocínio; Zero Hora; Práticas e Processos Jornalísticos.

Introdução

Jornais veiculam violência diariamente. Os casos de latrocínio ganham destaque pela motivação torpe – trata-se de uma escolha não aleatória, já que a informação é um produto lucrativo; e a violência, especificamente, vende mais (FREIRE E CARVALHO, 2008). Por isso, é necessário analisar a produção das notícias como parte de uma construção social, que (in)forma sobre disfunções, reforça estereótipos de criminalidade e perpetua ideias de diferenciação social (DIAS E GUIMARÃES, 2014). A hipótese inicial deste estudo é que as notícias sobre violência atribuem diferentes valores de vida em função do perfil socioeconômico das vítimas e que, por isso, contribuem com a manutenção de estereótipos sociais. Por isso, o artigo analisa o valor que Zero Hora atribui às diferentes vidas, a fim de compreender suas representações sociais. Tal análise acontece ao se investigar quais critérios transformam em notícia algumas mortes em detrimento de outras; e a partir disso, se algumas vidas aparentam ter mais valor.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e mestranda em Direitos Humanos no Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter), e-mail: fernanda.lacruz@outlook.com.

³ Jornalista, mestre e doutor em Sociologia. Professor da Faculdade de Comunicação do Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter). Pesquisador no Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (GPVC/UFRGS), e-mail: chicoreporter@gmail.com.

A apuração, a produção e o leitor

Apesar da tentativa de espelhar o todo, o jornalismo não apreende a realidade (LAGE, 2006). Como resultado, os jornais não produzem retratos fiéis dos fatos, mas forjam a ideia de uma realidade a partir do que é veiculado. Segundo Wolf (1995), essa reconstrução jamais será total. Isso porque o processo de apuração é realizado pelo filtro do jornalista, que utiliza critérios para a definição do que é noticiável. As notícias, portanto, são construídas a partir de regras que demonstram quais acontecimentos merecem ser publicados (WOLF, 1995). Os fatos remanescentes são eliminados e, desta forma, o leitor não tem acesso a uma parte da realidade de onde está inserido. O resultado é que o acontecimento não registrado é abandonado, como se jamais tivesse acontecido (FREIRE E CARVALHO, 2008). Ele não é só relegado ao esquecimento, mas passa a não existir. Ao se deparar com o apagamento de determinados acontecimentos, os leitores, em um processo subjetivo, alteram sua percepção da violência. E, assim, tem sua sensibilidade anestesiada.

Os veículos de comunicação, no entanto, devem fornecer ferramentas para que os cidadãos abandonem ideias e análises fragmentadas. A partir de uma cobertura pluralizada e abrangente, os leitores encontram elementos que podem municiar seus processos cognitivos de interpretação do mundo e formação de opinião (MELO, 1985). O uso das fontes têm peso preponderante na construção da narrativa. Como forma de garantir credibilidade, os jornais utilizam fontes oficiais de forma majoritária (MEDINA, 2008). O resultado é taxativo: os veículos de comunicação ficam aprisionados a uma única linha editorial. E assim, as reportagens, por mais frequentes e aprofundadas que sejam, não trazem diferentes abordagens, nem somam novos olhares à discussão (GOMES, 2009). Essa forma de construir a notícia se opõe à própria apuração jornalística, que exige rigor no diálogo com entrevistados, no levantamento de dados e na interpretação de documentos. Por isso, a apuração deve passar por um plano de investigação, que inicia na pauta e percorre as fases de pré-produção até chegar à finalização. É somente a partir da implementação de um jornalismo embasado na técnica, na apuração e na checagem que será possível conceber um trabalho embasado nos fatos e abrangente no discurso (PEREIRA JUNIOR, 2010).

Entretanto, o produto do jornalismo, ou seja, a notícia, está posto numa lógica comercial. Deste mesmo modo, Zero Hora vê na informação uma mercadoria – e a notícia passa a ser um produto distribuído sem espaço possível para a subjetividade (FONSECA, 2008). Desta forma, o indivíduo pode ser levado a não refletir, mas a consumir os produtos da indústria cultural de maneira alienante. Assim, a cobertura realizada nas redações tem caráter superficial. O desfecho desse fenômeno é o encolhimento do papel do jornalismo a um mero produto-notícia, que não auxilia o leitor em seu processo de assimilação e reflexão acerca do mundo.

No caso das notícias sobre violência, as matérias de análise são minoria. Enquanto isso, o factual é explorado, produzindo o medo e aumentando o ódio. O papel da mídia se resume, muitas vezes, à divulgação dos casos de violência (RAMOS, 2007). Para a autora, uma das críticas mais recorrentes que se faz à polícia é que a instituição “corre atrás do crime”; e não atua estudando o fenômeno para conseguir preveni-lo. Nesse sentido, o jornalismo sofre de vício semelhante. Na maior parte do tempo noticia apenas os crimes ocorridos ou as ações policiais executadas. Desta forma, a imprensa abre mão de promover um debate sobre a origem da violência nas sociedades.

A falta de análise sobre os casos resulta na generalização dos fatos, o que pode contribuir para os processos de estigmatização do crime, de seus atores e também das vítimas. Ramos (2007) adverte para os riscos da hierarquização, sobretudo na cobertura de crimes contra a vida, como os latrocínios, que culminam na concepção de valores diferenciados para uma e outra vida, em que se destaca a “morte de pessoas dos setores médios ou dominantes, ao lado da naturalização do massacre cotidiano de moradores da periferia, em particular o que atinge os jovens negros e com baixa escolaridade” (RAMOS, 2007, p.96). Esses pressupostos hierarquizantes favorecem a perda do sentido da vida coletiva, que resultam em intolerância, no crescimento da sensação de insegurança e na dificuldade de se manter uma ética de responsabilidade conjunta sobre o espaço público. Por fim, a hierarquização acaba por modificar a visão de mundo dos leitores ao inseri-los em um universo violento que não necessariamente corresponde à realidade.

Teoria das Representações Sociais

Para investigar se as representações da violência produzidas em Zero Hora reforçam ou não alguns estereótipos, utiliza-se a Teoria das Representações Sociais a partir de Jodelet (1989), Grossi Porto (2006) e Morigi (2004). Com base nesse aporte teórico, pretendeu-se compreender a partir de quais mecanismos são formados os perfis de vítimas retratados na imprensa.

As representações sociais são o modo pelo qual a sociedade percebe o mundo e o vivencia, pois essas formas são “incorporadas e interiorizadas pelos indivíduos através da vida em sociedade, através das normas, das regras que formam a estrutura social” (MORIGI, 2004, p.4). São as representações que os sujeitos têm de si e da realidade que os cerca que guiam a humanidade “na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la”, formando suas crenças acerca do mundo (JODELET, 1989, p.1). Ou seja, são elas que guiam os indivíduos na apreensão do cotidiano e da interpretação de mundo dos sujeitos.

A dimensão da repercussão jornalística sobre ações violentas pode ser avaliada com subjetividade e objetividade (GROSSI PORTO, 2006). Na análise, nenhuma se sobrepõe à outra; e ambas são partes fundamentais. A partir disso, a autora propõe que existam, de um lado, os contextos favoráveis (e objetivos) ao crescimento da violência; enquanto por outro, a ideia daquilo que é representado como violento (e subjetivo). Ambas as “realidades” existem e ambas participam da ideia que se possui sobre a violência. A teoria permite que se submeta um acontecimento empírico – e a formação de sentido causada pelo fato, definido como “realidade mental” por Jodelet – ao rigor científico. O objetivo é, por meio da análise das representações estabelecidas em determinado grupo, capturar a dimensão dessas inter-relações, que resultam na visão de mundo de todo um grupo, reforçando alguns estereótipos e relegando outros pontos de vista. Entretanto, essas formações de juízo são locais e mutáveis.

É impossível pensar a violência sem questionar quais nexos, crenças e juízos circundam o imaginário dos indivíduos por meio das representações sociais. Através da

apreensão do que é latente nas representações sociais é possível interpretar o mecanismo dos sistemas que produzem – e repercutem – o fenômeno da violência. Desta forma, a Teoria das Representações Sociais se apresenta como fundamental para a análise de violência, uma vez que, a partir dela, é possível identificar práticas e orientar ações de políticas públicas de segurança (GROSSI PORTO, 2015).

Ainda assim, cabe salientar que não é só através da mídia que as representações e visões de mundo se formam. As próprias estruturas mentais e os estados psicológico e emocional são determinantes na formação da opinião e conduta individuais. As representações podem ser observadas a partir de diversas produções – não somente jornalísticas –, já que estão em todos os lugares, “são carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens mediáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais” (JODELET, 1989, p.1). Sendo assim, usar a Teoria das Representações Sociais é, também, interpretar a realidade a partir do que se produz sobre ela nos meios de comunicação de massa. Observando a representação dos envolvidos na construção de uma notícia é possível ver como são retratados determinados fenômenos. Assim, se pode perceber sob qual molde a sociedade é forjada e quais mecanismos executam e espalham suas correntes de pensamento.

Neste sentido, Jodelet (1989) aposta nos veículos de mídia e nas redes de comunicação criadas a partir deles como meios determinantes dos processos de influência (e, em alguns casos, de manipulação). Desde a determinação do que vira notícia e a escolha das fontes, por exemplo, a forma de analisá-las é também uma maneira de interrogar a realidade construída a partir das representações sociais: a produção de sentido das mídias conduz e orienta as diversas práticas no seio social. E cria-se, assim, uma realidade moldada de acordo com os discursos de interesse das mídias. Na industrialização da cultura e da informação, a partir da banalização dos sentidos, é possível perceber como são colocadas as ideias e “as formas de pensamentos que circulam no espaço público no mesmo patamar das mercadorias produzidas em série que devem ser consumidas na mesma velocidade em que são produzidas” (MORIGI, 2004, p.5).

Aplicadas à formação de senso crítico, as representações sociais influenciam a formação de opiniões e fortalecem o julgamento a partir de inferências, de experiências não necessariamente vivenciadas, mas que são vividas a partir das próprias representações e dos estereótipos por elas reforçados (JODELET, 1989). Essa ideia fomenta um senso comum bastante presente na forma como as pessoas encaram o fenômeno da violência, que é o discurso do “nada funciona” – algo que a mídia reproduz com frequência (GROSSI PORTO, 2015). Esse descrédito com as instituições de segurança e com a própria fé no ser humano pode ser visto como “um ‘encobrimento’ cujo sentido pretenderia, ainda que inconscientemente, ofuscar o fato de que o controle sobre o crime e sobre o funcionamento do sistema existe. Sendo assim, pode-se refletir sobre as representações do latrocínio a partir das análises de Grossi Porto (2015) sobre homicídios.

Segundo a autora, as representações nesses casos consideram algumas variáveis para criação de distinções sociais, entre elas os fatores socioeconômicos e culturais que circundam o indivíduo sobre quem se noticia. “nadas prerrogativas, interesses e estratégias” (GROSSI PORTO, 2015, p.30). Essas narrativas facilitam a assimilação de outros contextos, como é, muitas vezes, o contexto da brutalidade e da violência, distante da realidade dos leitores de jornais, que, através da mídia, formam opinião sobre esses assuntos, que são distantes, mas acabam tornando-se familiares. O significado extraído do seu discurso, ou seja, as representações sociais, passam a fazer parte do repertório de estereótipos, de maneira a criar “verdades” que formam o perfil da opinião pública em forma de discurso.

Percurso metodológico

Para averiguar a hipótese de que as notícias sobre violência em Zero Hora atribuem diferentes valores de vida em função do perfil socioeconômico das vítimas, foram escolhidos os 13 casos veiculados como latrocínio entre janeiro e junho de 2017 no site do jornal, relacionados brevemente abaixo.

-
- Caso 1: Senegalês, 33 anos, morto após sair do trabalho, no Centro
 - Caso 2: comerciante sem idade, morto no bairro Partenon
 - Caso 3: garçom, 31 anos, morto no bairro Floresta
 - Caso 4: homem morto no Belém Velho, apenas – sem identificação da idade
 - Caso 5: coronel do Exército, 67 anos, morto no bairro Partenon
 - Caso 6: doutorando, 29 anos, morto no bairro São Sebastião
 - Caso 7: funcionário de uma casa de apostas, 43 anos, morto no Centro
 - Caso 8: motorista de aplicativo, 33 anos – sem identificação do local do crime
 - Caso 9: estudante, 20 anos, morto no bairro São Geraldo
 - Caso 10: taxista, 52 anos – sem identificação do local do crime
 - Caso 11: morador de rua, sem idade – sem identificação do local do crime
 - Caso 12: motociclista/vigilante, 27 anos, morto no bairro São Geraldo
 - Caso 13: estudante, 24 anos, morto no bairro Rubem Berta

A análise dos casos⁴ – que consiste num recorte de pesquisa sobre a cobertura de latrocínios pela imprensa que segue em andamento – resultou num universo 70 textos entre reportagens, notícias, colunas de opinião e notas. Optou-se por utilizar o jornal Zero Hora por ser o maior e mais abrangente veículo de comunicação do Rio Grande do Sul. As notícias foram coletadas do site <[HTTP://zh.clicrbs.com.br/rs/](http://zh.clicrbs.com.br/rs/)>. A escolha pela produção online em detrimento à imprensa se dá porque, livre dos espaços delimitados das páginas dos tabloides, exclui-se a prerrogativa de que alguns casos possam não ter sido noticiados em função do prazo de fechamento do jornal.

Seguindo os passos recomendados por Bardin (1977), a análise de conteúdo utilizada deste trabalho percorreu as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na análise quantitativa buscou-se analisar dados que pudessem indicar, para a análise qualitativa, quais as divergências e tendências da cobertura. Os dados foram elencados em 10 categorias, formadas por 72 indicadores a partir da leitura de autores como Ramos (2007), Medina (2008) e Hunter (2013). Na esfera sociológica, a Teoria das Representações Sociais objetivou interpretar a produção dos sentidos construídos sobre a violência, resultando na tabela a seguir.

⁴ Os dados utilizados neste artigo foram coletados durante monografia realizada pela autora, durante o segundo semestre de 2017.

Quadro 1 – Ficha geral dos casos

Categoria		Indicadores	1																
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	11	12	13				
Apuração	1	Utilização de números oficiais						x										x	
	2	Utilização de dados apurados pela reportagem	x		x			x	x		x							x	
	3	Entrevista com mais de uma fonte ligada à vítima					x	x		x	x	x						x	x
	4	Entrevista com mais de uma fonte ligada ao caso		x	x		x	x		x	x								x
	5	Utilização de documentos oficiais							x										
	6	Utilização de citação indireta da polícia	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					x	x
	7	Utilização de citação direta da polícia			x		x	x	x	x	x	x	x	x				x	x
	8	Utilização de cartas e/ou depoimentos da família							x										
	9	Utilização de notas oficiais						x		x									
	10	Menção aos antecedentes criminais	x								x		x						
	11	Explicação do contexto em que o crime ocorreu		x	x		x	x	x			x	x					x	x
	12	Fotografia do local do crime		x	x		x	x	x	x			x					x	x
	13	Fotografia do objeto do roubo					x											x	x
	14	Fotografia da vítima			x		x	x	x	x	x	x	x					x	x
	15	Fotografia da família			x														x
	16	Fotografia da casa da vítima			x													x	x
	17	Fotografia do trabalho da vítima		x						x									
	18	Fotografia do velório					x												
	19	Fotografia de evento pré ou pós-velório					x	x		x									x
	20	Mapa																	
21	Infográfico																		
22	Vídeo									x	x							x	
Fontes	23	Fontes que falaram à polícia	x		x		x	x	x	x		x					x	x	
	24	Fontes policiais	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x	
	25	Fontes testemunhais		x	x		x	x	x										x
	26	Fontes especialistas em segurança pública							x										
	27	Fontes ligadas à família		x	x		x	x			x							x	x
	28	Fontes ligadas às amizades da vítima							x		x								x
	29	Fontes ligadas ao trabalho da vítima					x			x	x		x						
	30	Fontes ligadas ao círculo acadêmico da vítima							x										

	31	Fontes ligadas a outras áreas (esportes, música, dança)							x	x						
	32	Fontes ligadas ao Governo								x						
	33	Fontes de outros órgãos do Governo													x	
Elementos de texto	34	Sujeito gramatical ativo	x				-	x	x	x	x	x	x	x		
	35	Sujeito gramatical passivo	x	x	x		-	x	x		x	x			x	
	36	Nome da vítima na manchete														
	37	Profissão/atividade da vítima na manchete		x	x				x	x	x	x	x	x		x
	38	Nome e profissão/atividade da vítima na manchete						x								
Gênero textual	39	Nota	x					x							x	
	40	Notícia	x	x	x			x	x	x	x	x	x	x	x	
	41	Reportagem						x	x		x	x				
	42	Entrevista														
	43	Notícia em profundidade														
	44	Reportagem especial														
	45	Editorial														
	46	Artigo								x						
	47	Opinião do leitor														
48	Coluna								x			x				
Espaço e temporalidade	49	Suítes / desdobramentos	1	1	2	-	6	7	1	3	0	3	-	6	9	
	51	Tempo de cada caso adiante	1				5	2				1			13	
Sentido geral do texto	52	Barbárie		x	x			x	x			x	x		x	
	53	Casualidade	x					x					x			
	54	Futuro roubado						x	x			x	x		x	
	55	Família despedaçada			x			x	x			x			x	
	56	Perda para a comunidade						x	x			x				
	57	Passado honroso						x	x			x	x		x	
Enfoque do texto	58	Análise de fenômeno							x			x			x	
	59	Cobertura do factual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
Personagem	60	Vítima	x	x	x			x	x	x	x	x		x	x	
	61	Sociedade							x			x	x			
	62	Familiar			x							x	x		x	
	63	Cônjuge														
Valores de vida	64	Vida social						x	x			x	x	x	x	

65	Vida amorosa			x		x	x		x		x		x	x	
66	Vida familiar		x	x		x	x		x	x	x			x	x
67	Vida acadêmica						x				x				x
68	Vida profissional	x	x	x		x		x	x	x	x			x	x
69	Vida religiosa					x									
70	Vida caridosa					x					x				
71	Vida esportiva					x					x				
72	Vida intelectual					x	x				x				

Fonte: La Cruz (2017).

As categorias criadas, aliadas aos pressupostos teóricos, permitiram extrair informações para a criação de uma segunda categorização. Mais complexa, essa nova categorização objetivou encontrar perfis de vítimas noticiados em Zero Hora a partir das interpretações das teorias de representações sociais e do estigma. As novas categorias foram importantes para se compreender como a representação social costuma ser feita; e como alguns casos são privilegiados, enquanto outros são praticamente excluídos da cobertura de Zero Hora. A construção dos perfis complexos levou em consideração os valores de vida relacionados a cada vítima – nenhum, um ou dois valores enquadram a vítima no primeiro tipo; a ausência de fontes (ou somente fontes policiais), somado à escassez de informações básicas, como idade da vítima ou profissão demonstram desinteresse da reportagem na apuração.

Se a vítima é jovem e é demonstrado apelo à sua trajetória profissional e/ou acadêmica, ele pode enquadrar-se no perfil jovem promissor. Os tipos de fonte ajudam a embasar a categoria: fontes relacionadas ao meio acadêmico, menções ao seu desempenho em sala de aula; aliados à cobertura extensa do fato, com direito a notícias de eventos pós-velório, como homenagens e manifestações, que dão ao texto o sentido de “futuro roubado” evidenciam a certeza de que se está diante de um “jovem promissor”. O terceiro perfil é evidenciado por fatores como: apelo à dor da família, com menção ao luto da esposa e filhos, além de depoimentos que demonstram a preocupação e o carinho da vítima com a família. O número e o tipo de fontes também indicam quanto esforço a reportagem empregou para situar o leitor a respeito da vida da vítima – explorada em diversas nuances, nestes casos.

Análise geral

Zero Hora dispõe de todos os recursos para realizar coberturas em profundidade, como fica evidente nos casos 6 e 13 – que se destacaram por preencher, na média, mais de 64% dos indicadores da categoria “apuração”; 69% dos tipos de fontes; além de 56% dos indicadores relacionados aos valores de vida. Somente esses dois eventos reuniram 18 das 70 reportagens, ou seja: 25% do volume total de matérias. Os números podem não parecer muito expressivos, mas ganham corpo se comparados aos casos 4 e 11, que receberam pouca ou praticamente nenhuma cobertura. Na categoria apuração, foi preenchido um único indicador (cerca de 9% da categoria, contra os 64% da dupla anterior). Além disso, os dois casos somam 9% dos tipos de fonte; e 0% dos valores de vida – nenhum indicador foi preenchido aqui. Ambos os casos somam apenas duas matérias, que totalizam 2,8% do total de matérias – contra 25% dos dois casos que receberam maior cobertura.

Seis casos formam o perfil “homem comum”. É o maior grupo em número de vítimas, mas o menor em quantidade de matérias (cerca de 18%). O grupo com menos acontecimentos é o perfil “pai de família” que, mesmo com metade dos casos em relação ao perfil anterior, consegue ter cerca de 3% a mais de matérias, totalizando 21% das reportagens. O terceiro e último grupo é formado por quatro vítimas e reúne um conjunto de 40 matérias. Trata-se do perfil “jovem promissor”, que soma mais de 59% dos casos e evidencia, logo de início, se tratar do tipo de vítima que mais mobiliza a produção em Zero Hora.

O perfil “homem comum” (casos 1, 2, 4, 7, 8 e 11) reúne algumas características semelhantes: não possui sequer uma reportagem especial, coluna ou artigo de opinião – apenas notas e notícias, com exceção do caso 8, que registra uma reportagem. Além disso, a apuração neste perfil não prioriza a utilização de fontes. Em apenas dois casos a reportagem utilizou mais de um tipo de fonte ligada ao caso (Polícia Civil ou Militar); e um desses dois utiliza mais de uma fonte ligada à vítima. Nenhuma das matérias faz menção a números oficiais – apenas duas utilizam dados da editoria de Segurança de Zero Hora. Nenhum dos textos utiliza um recurso comum em outros casos: a publicação

de depoimentos ou cartas de amigos ou familiares. Em metade dos casos há menção aos antecedentes criminais das vítimas – sendo que apenas uma das vítimas tinha passagem na polícia, por envolvimento com jogos de azar. Metade dos casos também não conta com a utilização de fotografias.

O perfil “pai de família” (casos 3, 5 e 10) reúne uma série de características em comum. Assim como no perfil “homem comum”, os pais de família ainda não mobilizam os gêneros textuais interpretativo e opinativo: apenas notícias e uma única reportagem informam sobre os acontecimentos dos casos 3, 5 e 10. Entretanto, a apuração deste perfil demonstra um pouco mais de investimento de recursos jornalísticos, visto que prioriza a utilização de fontes: todos contam com mais de uma entrevista ligada ao caso ou à família. O perfil se diferencia dos “homens comuns”, já que todos os conjuntos de matérias utilizam recursos audiovisuais, como fotografias do local do crime, do objeto do roubo e do velório; além de fotos da vítima, da casa, da família e de eventos pós-velório.

Os quatro casos que formaram o perfil “jovem promissor” (6, 9, 12 e 13) reúnem características que os diferenciam totalmente dos casos anteriores. As mortes foram alvos não só matérias de análise do fenômeno da violência, como mobilizaram, pela primeira vez, os gêneros textuais interpretativo e opinativo em colunas e artigos de opinião – evidenciando, assim, a revolta de membros da sociedade e dos próprios colunistas de Zero Hora. A apuração nesse perfil prioriza ainda mais a utilização de fontes, de modo que as reportagens em todos os casos ouviram mais de uma fonte ligada diretamente à vítima; e três (dos quatro) têm mais de uma fonte ligada ao caso. Os tipos de fonte aqui são os mais variados possíveis, chegando a marcar, juntos, 10 dos 11 tipos de entrevistados elencados na categoria “fontes” – ficando de fora somente aquelas ligadas ao trabalho da vítima, o que pode evidenciar, mais uma vez, que o apelo da narrativa do “jovem promissor” envolve sua vida acadêmica, seus amigos e familiares, não tendo tanta importância o trabalho (vide o caso 12, do vigilante, quando ele é mencionado como motociclista e não como vigilante).

Os casos que recebem boa cobertura são aqueles que se enquadram no perfil “jovem promissor” ou “pai de família”. Percebe-se que a idade das vítimas compõe um

critério interessante para mobilização de recursos de cobertura. Quase sempre quando a vítima é jovem é dada à matéria a ideia de “futuro roubado”. Os valores de vida também indicam distinção entre os perfis. Entre o grupo dos “homens comuns”, são expostos basicamente aspectos da vida profissional, familiar e amorosa. Entre os “pais de família”, surgem os primeiros aspectos relacionados ao meio social e religioso. Mas é no terceiro perfil, o dos “jovens promissores”, que os aspectos de vida são mais facilmente mencionados, aparecendo com frequência aspectos relacionados à vida social, amorosa, acadêmica, intelectual, caridosa e esportiva. Depreende-se que as vítimas são negligenciadas por sua condição econômica ou bairro onde residem. Da mesma forma, as vítimas pertencentes às classes média e alta ou que são vitimadas por conta de um assunto que está em destaque (como a violência contra taxistas e motoristas de aplicativo) recebem apuração elaborada. Isso significa que o padrão não é exclusivamente econômico, mas tem relação também com a posição social que a vítima está inserida. E, quanto mais jovem a vítima, mais recursos de apuração ela irá receber.

Como evidenciado, os casos de vítimas que se enquadram no perfil “homem comum” recebem pouca – ou quase nula – cobertura. Na visão de Melo (1985), esse tipo de fenômeno é prejudicial aos processos de formação de opinião, já que o contato com informações confere cidadania ao indivíduo. Mas sabe-se que, como analisa Fonseca (2008), muitos dos jornais sucumbiram à lógica comercial. Zero Hora em específico atua sob a lógica da indústria cultural, em que a expectativa do lucro e do consumo se sobrepõe à ideia da informação. Distantes da informação, alguns grupos sociais veem suas vidas esvaziadas de cidadania. Jodelet (1989) chega a falar em um processo inconsciente e natural, que ativa uma série de outras significações relacionadas aos mapas de pensamento que envolvem os campos ideológicos, políticos e sociais.

Inferências finais

Este trabalho investigou como são representadas em Zero Hora as vítimas de latrocínio em função do seu perfil socioeconômico. Escolheu-se justamente o crime de latrocínio porque permite analisar a cobertura jornalística quando a vítima não possui

relação nenhuma com o autor. A partir dessa estratégia, foi possível estimar que as representações sociais das vítimas de latrocínio em Zero Hora – classificadas aqui tipo-idealmente como “homens comuns”, “pais de família” e “jovens promissores” – apontam um quadro sentido que, em alguma medida, orienta a sociedade. Os perfis de jovem promissor e pai de família encontrados nesta pesquisa recebem visibilidade considerável. Por outro lado, o perfil do homem comum é o que menos recebe atenção do jornal Zero Hora. Isso é, ao mesmo tempo, causa e efeito de significações mentais muito mais profundas. Assim, pode-se afirmar, que as representações sociais a partir de Zero Hora influenciam a manutenção da ideia de que algumas vidas valem mais do que outras.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 1977. 223p.

CARVALHO, Denise W.; FREIRE, Maria Teresa; VILAR, Guilherme. Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil. **Revista Panamericana de Salud Pública**, [s.l.], v. 31, n. 5, p.435-438.

DIAS, Anelise Schütz; GUIMARÃES, Isabel Padilha. Mídia noticiosa, crime e violência: discussões teóricas. **Sistema Penal & Violência**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p.280-291, jul. 2014.

Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/18645/12629>. Acesso em: 12 nov. de 2017.

FREIRE, Silene de Moraes; CARVALHO, Andreia de Souza de. Mídia e violência: os labirintos da construção do consenso. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 1, n. 7, p.151-164, jan. 2008.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. Indústria de notícias: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 310 p.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**: ensaios de teoria do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2009. 112p.

GROSSI, Maria Stela Porto. Crenças, valores e representações sociais da violência, *Sociologias*, Porto Alegre, ano 8, no 16, jul/dez 2006, 250-273p.

-
- HUNTER, Mark Lee. **A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos.** 2013.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. Tradução de Tarso Bonilha Mazzotti. Paris PUF, 1989.
- LA CRUZ, Fernanda. **A vida que vale a pena: representações das vítimas de latrocínio em Zero Hora.** Porto Alegre, 2017. 175p.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia.** 6 ed. São Paulo: Ática, 2006. 78p.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 2008. 96p.
- MELO, José Marques de. **Para uma leitura crítica da comunicação.** São Paulo: Edições Paulinas, 1985. 199p.
- MORIGI, Valdir José. “Teoria Social, Comunicação: Representações Sociais, Produção de Sentidos e Construção dos Imaginários Midiáticos”. Revista eletrônica e-compós, n. 01. Dezembro de 2004.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa.** 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 171p.
- PORTO, Maria Stela Grossi; MACHADO, Bruno Amaral. **Homicídio na área metropolitana de Brasília: Representações Sociais dos Delegados de Polícia, Promotores de Justiça e Magistrados.** Sociologias, Porto Alegre, n. 40, p. 294-325, set/dez 2015.
- PORTO, Maria Stela Grossi. Crenças, valores e representações sociais da violência. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 16, n. 8, p.250-273, 2006.
- RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil.** Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007. 192p.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** 4 ed. Lisboa: Presença, 1995. 247p.